F. TAVARES PROENÇA

Alumno da Faculdade de Direito

ANTIGUIDADES

I

RESULTADO DE EXPLORAÇÕES
FEITAS NOS ARREDORES DE CASTELLO BRANCO
EM SETEMBRO E OUTUBRO DE 1903

COIMBRA

TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO

1903

ANTIGUIDADES

F. TAVARES PROENÇA
Alumno da Faculdade de Direito

ANTIGUIDADES

I

RESULTADO DE EXPLORAÇÕES
FEITAS NOS ARREDORES DE CASTELLO BRANCO
EM SETEMBRO E OUTUBRO DE 1903

COIMBRA
TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO
1903

« L'Archeologie est non seulement une science dont les résultats peuvent être d'une haute portée, elle est encore une des connaissances les plus propres à piquer vivement la curiosité de l'esprit et à lui procurer des jouissances précieuses ».

J. J. Bourassé.

Nota: — *Os algarismos entre parenthesis, indicam o numero de ordem que teem esses objectos na collecção do auctor d'este trabalho.*

DUAS PALAVRAS

De uma carta escripta em fevereiro de 1882 pelo distincto archeologo Dr. F. Martins Sarmento a um seu amigo, amador de antiguidades, transcrevo as seguintes palavras cheias de verdade [1]:

— « Ha tam pouca gente a trabalhar nesta vinha, que os poucos obreiros que a cultivam teem quasi necessidade, senão obrigação, de communicar uns aos outros o resultado dos seus trabalhos e as ideias que elles lhes suscitam. »

E' effectivamente da mais alta importancia que cada um dê a conhecer aquillo de que tem noticia e os exemplares que possuir desses que ainda nos restam, vindos de idades que passaram.

— « *Il est nécessaire de les faire connaitre au moment où, plus que jamais, les œuvres d'art préhistoriques provoquent l'attention* », diz Cartailhac [2].

1 Vid. O *Archeologo português*, vol. VIII, pag. 69.

2 Vid. *L'Anthropologie*, vol. XIV, pag. 132.

Este pequeno trabalho tem pois um fim: indicar áquelles que se interessam por estes estudos o resultado de investigações e pesquisas, realisadas em volta de Castello Branco, principalmente no local onde se estendeu outr-ora uma povoação romana da qual ainda existem apreciaveis vestigios.

T. P.

O LOCAL

A tres kilómetros aproximadamente de Castello Branco e ligada por estrada com esta cidade, existe uma capella: Sant'Anna.

Seguindo ainda a estrada e atravessando uma ponte de construcção muito recente, vê-se num alto fronteiro outra capella: Mercoles.

Para mais facilidade na descripção do local supponhamos um triangulo cuja base será a linha que nós imaginamos unindo as duas capellas; o vertice será uma outra capella que existe ao sul daquellas no alto de um monte *(cabeço)*, isolado: S. Martinho.

O terreno é bastante plano até juncto do monte de S. Martinho e apresenta pequena inclinação na vertente sobre a ribeira de Mercoles.

No espaço comprehendido entre os tres lados do triangulo existiu uma povoação romana cujo nome, ainda hoje, nos é desconhecido.

Dessa povoação poucos vestigios ha visiveis. De vez a quando notamos, ao percorrer aquelle campo, hoje cultivado, alicerces das primitivas habitações. Apenas se de longe em longe nos depára o acaso um pedaço de columna toscamente desbastada no granito ordinário da região.

Na ribeira de Mereoles, no ponto indicado na carta juncta, pelas lettras Q, R, encontram-se restos, ainda importantes, de uma ponte romana. Um pedaço dessa ponte com varios metros cubicos de volume, cahiu na ribeira. Ha muitos annos a agua cobre no inverno aquelle bloco e no verão lhe banha a base. Mas as pedras de que é formado ainda hoje se conservam unidas por essa sólida argamassa que hoje se não faz!

Cobrindo todo o terreno e principalmente no local indicado na carta pelas lettras F, G, H, I, J, K, L e M encontram-se em grande quantidade telhas romanas, umas com rebordo e outras sem elle, que serviam para cobrir a fenda deixada entre aquellas.

Ha annos uns homens, que trabalhavam na abertura de uma valla, encontraram no ponto indicado na carta pela lettra T, uma fonte em cantaria apparelhada, tendo em cima quasi tres metros de altura de terra.

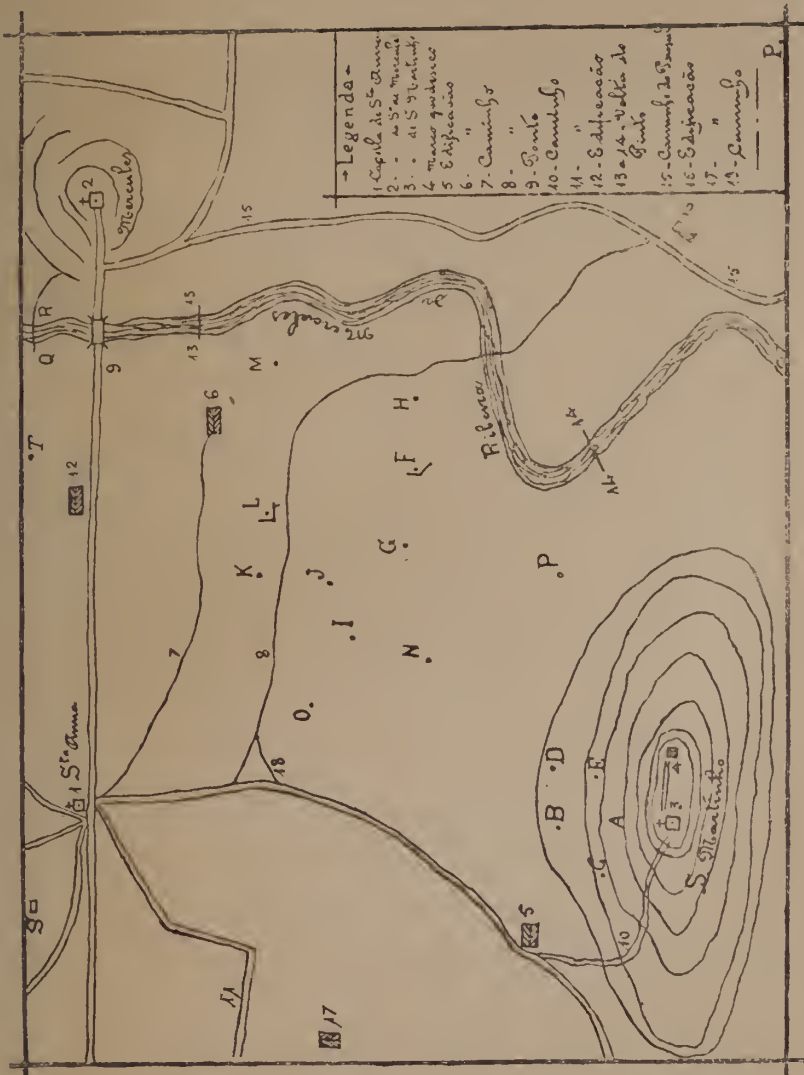
Devia esta fonte ser conservada no estado em que foi encontrada, mas hoje della não restam vestigios. Não seria difficil reconhecer as pedras que a formavam, em qualquer parede das proximidades!

No ponto indicado pela lettra S, existe *ainda* uma sepultura aberta em rocha muito perfeita.

Existem em volta de Castello Branco bastantes sepulturas semelhantes [1].

Notei, mas sei que alguem notou antes de mim [2], que estas sepulturas apparecem quasi sempre em locaes *onde tambem apparecem vestigios de dominação romana.*

[1] Vid. *Instituto,* n.º 7, de julho, pag. 444 e n.º 9, de setembro, 1903, pag. 572.

[2] Vid. *O Archeologo Portuguez,* vol. I, pag. 16.

No espaço comprehendido entre a lettra P e a base do monte de S. Martinho, o terreno encontra-se coberto de monticulos de pedras apenas desbastadas que os trabalhadores desviam da terra que cultivam. Essas pedras provéem das paredes dos edificios onde outr-ora se agitou uma população laboriosa que veiu, obedecendo á voz dos seus chefes, buscar, longe da sua patria de origem, novos dominios, novos territorios. Mas o momento chegou em que esse povo se viu obrigado a retirar, e isso fez — « levando apenas nas garras já mal seguras: o desengano de imaginados dominios e poderios ».

Os romanos, tendo vindo para a peninsula em 218 a. c., viram, antes da sua retirada, a invasão da peninsula pelos barbaros vindos do norte, que nesse momento inundavam todo o Imperio romano. Os romanos abandonaram a peninsula no começo do século v da nossa era e deixaram aos seus descendentes, deixaram para nós: os seus costumes, a sua lingua, as suas instituições, mas não: a sua inergia, não o seu vigor, não muitos dos seus sentimentos.

Agora que descrevi a largos traços o local onde se fizeram as escavações, passarei a descrever estas pela sua ordem chronologica.

E' este o momento de fazer uma declaração: todos os objectos aqui descriptos, bem como outros encontrados no decurso das minhas explorações em volta de Castello Branco, existem na minha collecção, nessa cidade, á disposição de todos aquelles que desejarem observá-los.

EXCAVAÇÕES

1903
Setembro, 19.

Observado todo o terreno comprehendido dentro das faces do triangulo cujos vertices seriam as capellas de Sant'Anna, Mercoles e S. Martinho, encontrei:

— No local indicado na carta pela lettra F, alicerces de edificio de pequenas dimensões. Espessura das paredes $0^m,50$ sendo estas feitas de pedra solta ou antes mal ligada por argamassa. Cobrindo o terreno, vê-se grande quantidade de fragmentos de telhas com rebordo. Um fragmento (101) tendo as seguintes dimensões: $0^m,35$ por $0^m,30$, tinha na sua face externa a marca do olleiro, isto é, quatro lettras, já quasi apagadas, mas que creio serem:

D A M O

sendo comtudo o A formado pela ligação dos dois primeiros traços do M [1].

Alguns dos fragmentos de telha encontrados (102), parecem cobertos por uma tinta amarellada de côr

[1] V. Narciso da Silva, *Noções de archeologia*, pag. 98, ed. de Lisboa, 1878.

muito differente da do barro, cobrindo esta pintura apenas a face externa da telha. Estes fragmentos sam muito raros neste local.

No mesmo local appareceu a 0^{m},30 de profundidade a metade inferior de um moinho de mão (103) igual aos apparecidos em outras estações romanas do nosso paiz.

Proximo dos alicerces que descrevi existe excavada na rocha viva uma especie de *lagariça*, differente comtudo de outras existentes neste e em outros pontos em volta de Castello Branco; em vez de esta lagariça ser constituida por uma ou mais *pias* excavadas na rocha, é apenas formada por um rêgo, limitando uma certa superficie plana da rocha, reunindo assim os liquidos que d'alli viessem em uma especie de bica excavada mais abaixo.

Tambem proximo dos alicerces existe um bloco rectangular de granito apparelhado da propria rocha e sem que della se ache desligado; o seu comprimento é 1^{m},10, a largura 0^{m},55 e a altura acima do sólo e da rocha bruta 0^{m},75.

Excavada tambem na rocha viva, encontra-se uma pequena pia com os bordos elevando-se de 0^{m},05 acima do nivel da rocha e tendo as seguintes dimensões interiores: 0^{m},25 de comprimento por 0^{m},15 de largura.

Setembro, 21.

Continuou a exploração do terreno comprehendido entre a lettra F e a lettra L abrangendo tambem o indicado pelas lettras H, G, L.

No ponto indicado pela lettra L appareceram a $0^m,45$ de profundidade grandes blocos de pavimento formado de pedra misturada com grande quantidade de argamassa durissima. A pedra empregada neste pavimento é o quartzo, branco, trasído de longe, porque não apparece neste local. Esse pavimento achava-se partido pois nesse terreno se abriram covas para plantação de oliveiras.

Será isso o pavimento de uma casa? Será uma das partes de que sam formadas as vias romanas? Prefiro admittir a primeira hypothese, pois o espaço occupado pelos blocos, alguns ainda na sua posição primitiva, tinha apenas $4^m,80$ no seu maior comprimento e $3^m,50$ na sua maior largura.

Apparecem nas proximidades de Castello Branco vestigios de uma via romana; ora, existindo neste local uma povoação romana, natural era que estivesse em communicação com essa estrada que, ao que parece, tinha tambem ligação com a que passa por Idanha-a-Velha e Monsanto seguindo para o norte, a não ser que seja essa mesma.

Mas, a pertencerem aquelles blocos a uma via militar romana, nós deveriamos encontrar sobre elles as pedras que formariam o revestimento externo da estrada. Alli não apparecem essas pedras, mas devo declarar que o nivel actual do terreno está naquelle local, muito acima do que apresentava ahi por 1860, data em que apparecia tambem á superficie do sólo um pavimento em pedra apparelhada, pavimento que hoje se encontra a $0^m,60$ de profundidade. Um bloco tendo approximadamente $0^m,70$ de comprimento por $0^m,55$ de largura e $0^m,35$ de espessura, que faz parte actualmente da minha collecção (104), apresenta, na face que estava para cima, traços evidentes da pas-

sagem do *arado,* perfeitamente iguaes a outros que o arado produz sobre os blocos que actualmente se encontram á superficie (105).

O arado póde pois ter arrancado as pedras que se encontrassem adherentes aos blocos agora descobertos.

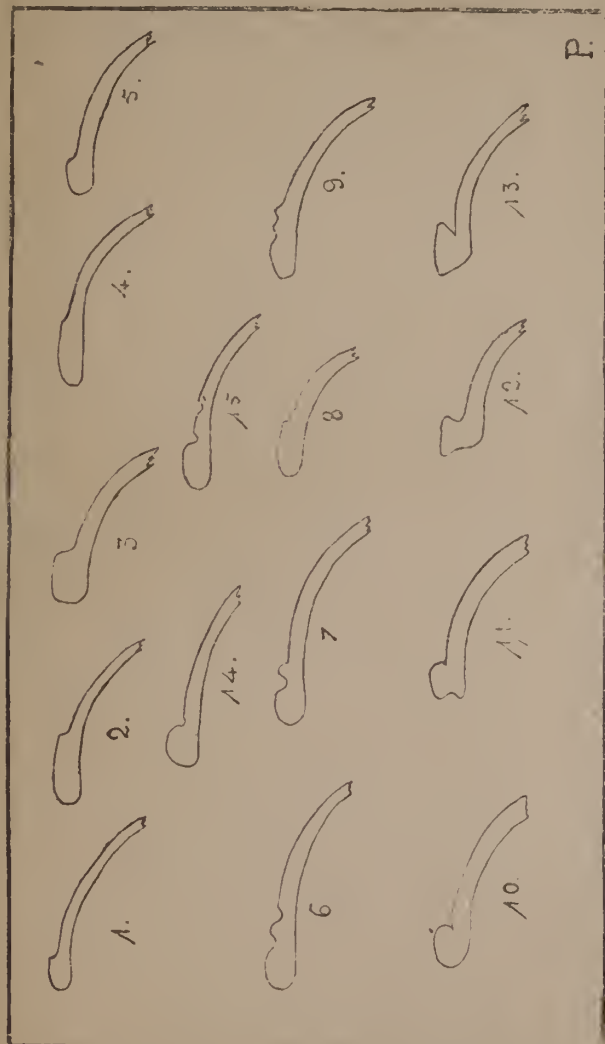
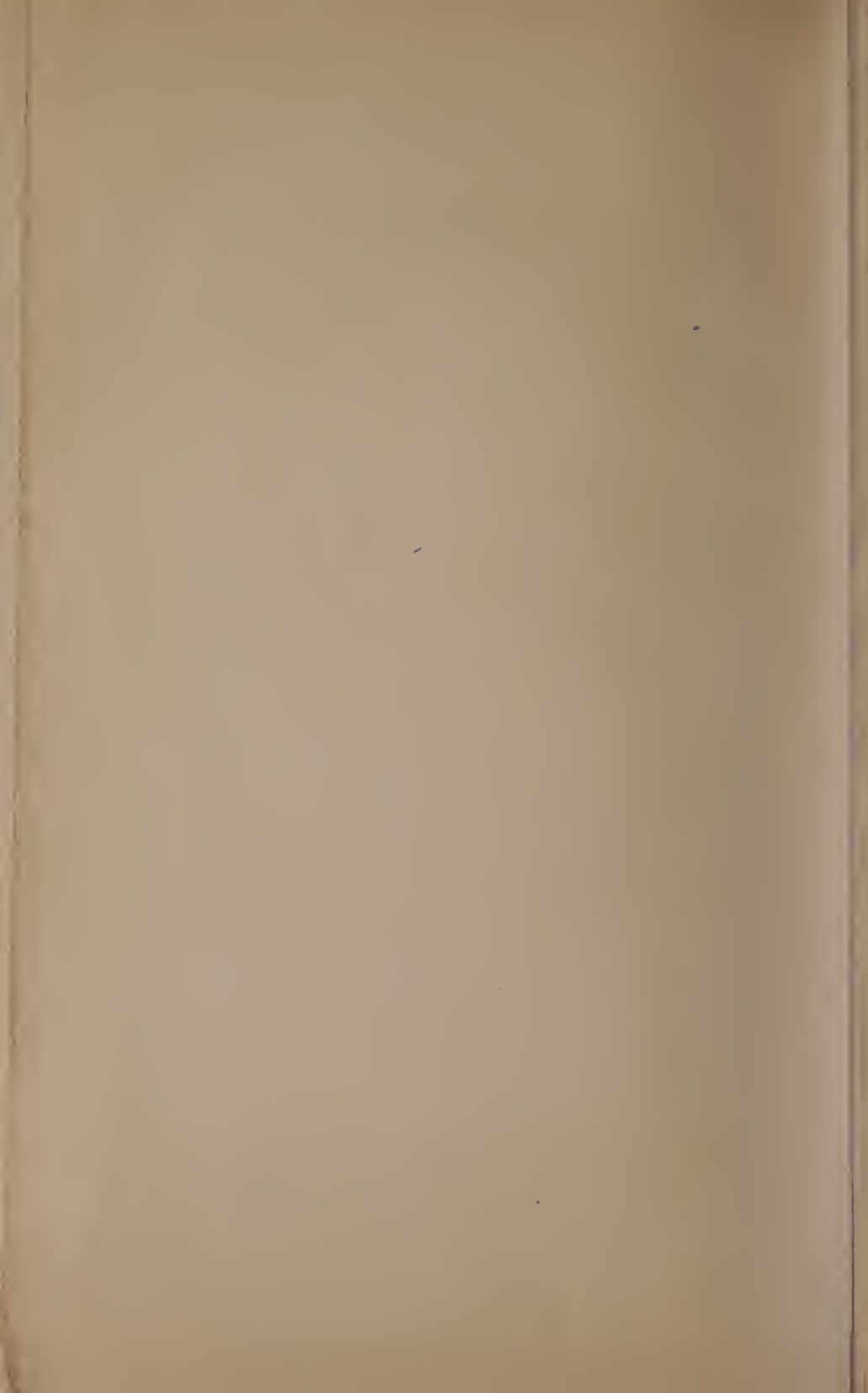
Apesar de tudo isso e apesar de eu suppôr que naquelle local existiu uma estrada romana, como póde provar-se pela sua existencia junto da ponte em que já falei, eu julgo conveniente indicar aquelles blocos, como tendo pertencido ao pavimento das habitações, cujos alicerces ainda hoje apparecem quando as excavações sam levadas a alguns decimetros de profundidade.

No mesmo local appareceu metade de uma columna em granito regularmente apparelhada tendo $0^{m},80$ de altura por $0^{m},30$ de diametro na parte superior e $0^{m},32$ na inferior (106).

A exploração passa a fasêr-se no ponto indicado pela lettra G.

Proseguindo no corte do terreno que alli é formado por grande quantidade de fragmentos de telhas, com rebordo e sem elle [1], appareceu, antes de chegar á camada de *saibro* que se encontra depois da camada aravel actual, ahi por $0^{m},40$ de profundidade, um fragmento de bordo de uma urna funeraria (107), semelhante a outros fragmentos que antes encontrara no mesmo local e que possuo (112-117). A secção desse fragmento vai representada na plancha I com o n.º 4.

Todas as pessoas que se dedicam a estes estudos sabem que um tempo houve em que os cadaveres

[1] Póde vêr-se o desenho destas telhas a pag. 61 do numero de abril de 1903 da *Revista de Guimarães.*

ESTAMPA I

eram encerrados em urnas de barro cobertas por uma pedra tosca. Nessas urnas teem apparecido, não só fragmentos de ossos, mas ainda objectos de adorno principalmente abundantes quando pertenceram a uma mulher, comquanto abundantes nas urnas que encerraram restos de homens.

Ha annos publicou o marquês de Nadaillac um artigo no jornal scientifico francês *La Nature* sobre as *Découvertes préhistoriques en Espagne,* e d'ahi transcrevo o que segue:

« L'inhumation dans des jarres n'est pas un fait nouveau. A l'aurore des temps historiques, les Chaldéens plaçaient leurs morts dans des vases en terre... » « En Espagne, les jarres étaient couchées horizontalement et la gueule était fermée au moyen d'une grosse pierre. »

No seu valiosissimo trabalho sobre as *Religiões da Luzitania,* diz, a pag. 416 do tom. I, o sr. dr. Leite de Vasconcellos o seguinte:

« Estacio da Veiga [1] dá relação de se haverem achado no Algarve curiosos sarcophagos constituidos por potes de barro, dentro dos quaes havia ossos humanos e instrumentos de cobre ». Tambem ahi nos dá o sr. dr. Leite de Vasconcellos conhecimento do que a esse respeito disse o sr. Boetticher [2]:

« L'incineration dans de grandes urnes est un usage trés répandu dans le monde antique et dont on a récemment constaté des exemples en Tunisie, dans le nord de l'Espagne et surtout dans les tertres funéraires de la vallée de l'Euphrate et du Tigre.

[1] *Antiguidades monumentaes do Algarve,* IV, 72-75.

[2] In *Compte-rendu* do Congresso de *Arch. e anthrop. préhist.* de Paris. Paris, 1891, pag. 265.

A Hissarlik, on a trouvé des urnes contenant les squelettes non brulés de jeunes enfants. »

Voltaremos breve a este assumpto.

Continuando a excavação na direcção da lettra L, appareceu á profundidade de $0^m,15$ um outro fragmento do bordo do mesmo pote (108).

A' superficie do sólo encontrei mais três fragmentos que, segundo creio, pertenceram ao mesmo pote (109, 110, 111). No terreno onde se fizeram estas pesquisas existe, como disse, grande quantidade de telhas partidas. Desviando para o lado do ponto marcado pela lettra H, appareceu, meio coberto pela terra, um pedaço de granito ordinario tendo uma parte apparelhada e com uma curvatura muito pronunciada (118). Esta pedra faria parte de uma outra maior de que não appareceram vestigios. Seguindo a curvatura daquelle pedaço obteriamos uma circumferencia com o raio aproximadamente igual a $0^m,30$; a altura do bloco é $0^m,20$.

Seria este circulo de pedra, destinado a revestir exteriormente um moinho de mão com o fim de evitar a perda do grão triturado que viria da fricção das duas partes do moinho?

Não posso affirmá-lo. Não ha duvida que aquella superficie curva da pedra soffreu a fricção produzida pelo movimento rotatorio de uma outra pedra. Não é comtudo facil determinar qual o fim para que aquella pedra foi apparelhada; parece ter servido para o fim que indiquei, mas póde ter servido para outro que ignoro.

Setembro, 22.

Começou a exploração no ponto K seguindo a direcção J, I, N.

No ponto K existem vestigios de edificação constituidos por alicerces que se encontram na profundidade variavel entre $0^{m},80$ e $1^{m},20$.

Neste local appareceram tambem em grande quantidade fragmentos de telhas com rebordos e encontraram-se junctamente fragmentos de vasos de barro de espessuras diversas mas de pequena importancia, pois a sua fabrica é bastante ordinaria (119-126).

A $0^{m},50$ de profundidade encontraram-se no espaço de poucos metros, sete fragmentos de vasos funerarios como os anteriormente descriptos (127-134). A fórma dos bordos varía de vaso para vaso e os diversos fragmentos, que possuo, mostram a relativa abundancia das urnas naquella localidade.

Como veremos adeante, existia neste local um outro modo de sepultura.

Eu considero os vasos, cujos fragmentos encontrei, como urnas funerarias. Qual o motivo porque eu faço esta affirmação?

Nas excavações feitas naquelle local, não encontrei urna alguma inteira; apenas encontrei fragmentos maiores ou menores.

Ha aproximadamente seis annos, appareceu no local indicado pela lettra M uma urna de barro de fórma semelhante áquella, cujos fragmentos encontrei. A bocca dessa urna estava coberta por uma pedra tosca que possuo (135).

No local onde foi encontrada por uns trabalhadores, que plantavam uma oliveira, ainda hoje póde vêr-se a cova que ficou, pois não chegaram a plantar ahi a arvore.

Informando-me ha pouco, consegui saber que dentro desse pote havia apenas pó e terra adherente ao fundo e umas tres moedas de cobre — « dessas que por ahi apparecem, que não prestam para nada » — como dizem os camponios que as encontram.

Por baixo do pote havia umas pedras sobre as quaes elle assentava directamente. Cobrindo o pote e a pedra, e assentando na terra as suas extremidades via-se um comprido pedaço de schisto.

Sobre esse pedaço de schisto havia uma altura de terra egual a $0^{m},80$ e parece ter essa altura sido maior, pois de um e outro lado o terreno tem descido bastante, como póde vêr-se por um caminho (atalho) que passa proximo.

Em 1899, uns trabalhadores notaram que juncto do caminho figurado do outro lado da Ribeira de Mercoles, em certa altura delle, havia uma pedra que em parte apparecia no fundo da cova que faziam destinada á plantação de uma arvore. Levantaram essa pedra e encontraram um pote. Depois de terem observado que o pote nada continha senão terra, e não estava como elles julgavam, cheio de dinheiro, partiram-n'o e delle nenhum fragmento consegui obter apesar de bem ter explorado o terreno em todos os sentidos.

Ainda mais. Contaram-me pessoas dignas de confiança que, em 1870 aproximadamente, appareceram no mesmo local dois potes — « um dos quaes continha uma *cáveira* já quasi completamente desfeita e as *cabeças* de dois ossos grandes » — que essas pessoas

abandonaram « pois julgavam encontrar dinheiro e não ossos ».

Até ao apparecimento de provas em contrario, fico acreditando que neste ponto do nosso paiz, existiu o modo de enterramento que Estácio da Veiga verificou no Algarve. Entre o ponto K e o ponto J appareceram a $0^{m},50$ de profundidade seis pêsos de barro (136-142) furados de um lado e tendo um delles (136) uma marca na sua extremidade superior semelhante á que possue o representado na pag. 92 do *Archeologo Português* (numero de abril de 1903).

Estes pêsos sam de tamanhos diversos e feitos de barro de differente proveniencia.

No ponto indicado pela lettra P existe uma fonte. A agua sahe de baixo de uma pedra que tem gravada uma cruz de onde veiu o nome á fonte de « fonte do Pinto » por a cruz se parecer com a das moedas desse nome.

O cotovello que alli faz a ribeira de Mercoles tem o nome de « Volta do Pinto » pelo mesmo motivo.

Conheço uma cruz semelhante que encontrei por acaso em uma pedra que fica a alguns kilometros desta.

Setembro, 29.

Nos dias 25, 26 e 27 fizeram-se explorações encontrando-se apenas fragmentos de telhas e de vasos sem importancia.

No dia 29 fez-se a exploração do local B onde se dizia ter em tempos apparecido uma sepultura do *tempo dos moiros*.

Essa sepultura era romana. Estava coberta por uma camada de terra de 1m,10.

Era uma caixa, formada por pedras unidas por argamassa, tendo as faces parallelas e as seguintes dimensões:

Comprimento	1m,80
Largura	0m,60

Não me foi possivel encontrar senão um fragmento da tampa pois foi destruida pelos trabalhadores que a encontraram.

Dentro della encontraram vasos de barro e de vidro (talvez *lacrymatorios*) sendo aquelles de louça muito fina em qualidade e expessura e de curiosas fórmas.

Possuo muitos fragmentos desses vasos que encontrei ao fazer a excavação naquelle local (1-100).

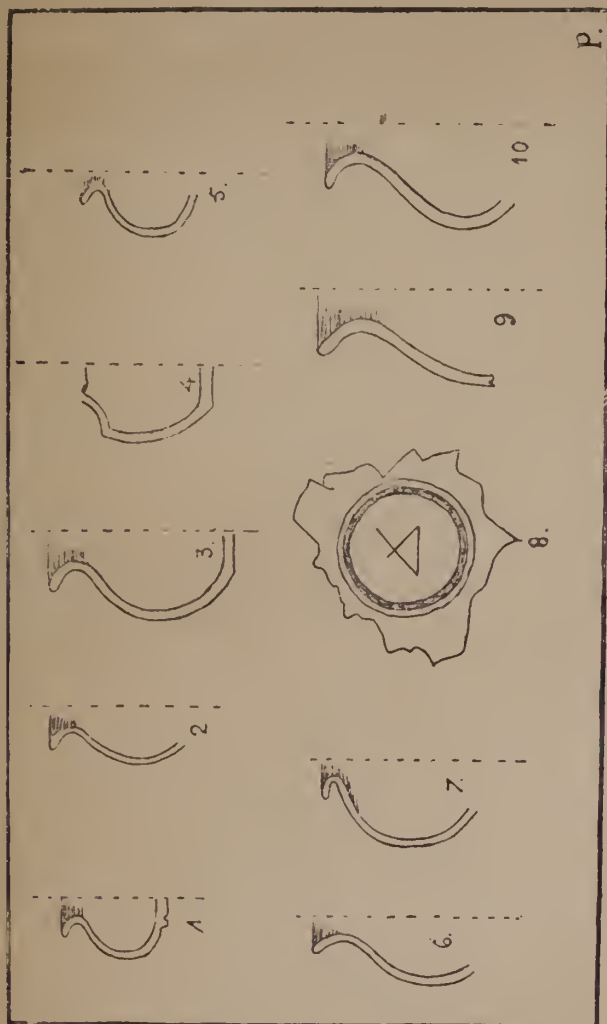
A fórma desses fragmentos vai representada na plancha II, que mostra em córte a fórma presumivel dos vasos a que esses fragmentos pertenceram.

Na mesma plancha, o n.º 8, mostra um signal traçado no fundo de um vaso representado em córte com o numero 1. Provavelmente marca do proprietario.

Tambem alli appareceram seis fragmentos de ferro já quasi destruidos por completo e um pedaço de bronze que talvez tenha sido moeda. Creio comtudo que os fragmentos de ferro (143-149) pertencem a época mais proxima de nós.

Outubro, 11.

Nos pontos indicados pelas lettras B, D e E appareceram mais vestigios da dominação romana taes como: alicerces, telhas e vasos.

1
2
3.
4
5.
6.
7.
8.
9
10
P.

ESTAMPA II

Proximo da ponte indicada na carta pelo n.º 9, encontrei á superficie do solo metade de um machado em pedra.

No local A e C, appareceram dois *monumentos* em pedra com gravura muito differente da que até hoje tem sido encontrada em pedras no nosso paiz. Opportunamente serão descriptos, pois sem uma exploração methodica do terreno em que fôram encontrados, nada póde dizer-se do seu fim e qual a época em que fôram construidos.

A gravura e o seu modo de construcção, levam-me a attribuí-los a uma época mais affastada de nós do que aquella em que os romanos habitaram a península.

Como disse, só uma exploração futura poderá esclarecer este facto e então seram descriptos bem como as circumstancias em que foram encontrados.

As explorações ou sondagens feitas mostram-nos que alli existiu uma povoação romana.

Não é isso uma novidade. Mostram-nos sobretudo que uma exploração regular e methodica a que alguem procedesse nesse local arrancaria desses escombros « onde para sempre parecem dormir interrados » os vestigios dessa época e dessa civilisação da qual « a nossa não só é herdeira senão filha ».

E' possivel que eu venha a fazer essa exploração.

Appareceram alli, no decurso das explorações feitas, dois monumentos, mas ignoro por hora a época a que teram pertencido.

Creio comtudo que pertencem a época mais affastada de nós do que aquella em que os romanos vieram para a península.

Diziam os religiosos da congregação de Santo Amaro no começo de um livro [1]: « que sentiam de ha muito a necessidade de um facho que os illuminasse nas trevas da antiguidade, de um fio que os guiasse neste dédalo obscuro de factos complicados e de épocas incertas ».

Disse-me ha pouco o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos que « a nossa archeologia está ainda muito atrazada. Cada cousa que apparece contem geralmente um problema ». E' isso uma grande verdade.

A nós ainda falta a carta que ha-de guiar-nos no campo pouco trilhado da sciencia, pois tambem ahi nós caminhamos *per una selva oscura.*

[1] *L'Art de vérifier les dates,* ed. de París, 1770.